

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS - A GUERRA NO CINEMA (PARTE III):  
PARA ALÉM DO CAMPO DE BATALHA  
4 de novembro de 2023

# UNTER DEN BRÜCKEN / 1945

*("Por Debaixo das Pontes")*

Um filme de HELMUT KÄUTNER

**Realização:** Helmut Käutner / **Argumento:** Helmut Käutner e Walter Ulbrich a partir de um guião de Leo de Laforgue / **Fotografia:** Igor Oberberg / **Direcção Artística:** Anton Weber / **Montagem:** Wolfgang Wehrum / **Música:** Bernhard Eichhorn / **Intérpretes:** Carl Raddatz (Hendrik); Gustva Knuth (Willy); Hannelore Schroth (Anna), Ursula Grabley (Vera, a empregada de mesa); Hildegard Kneff (A rapariga em Havelberg); Margarete Haagen (A porteira no atelier do pintor); Erich Dunskus (Holl, o capitão do rebocador), etc.

**Produção:** Walter Ulbrich para a UFA / **Cópia:** em 16mm, preto e branco, da Cinemateca Portuguesa, legendada em português do Brasil / **Duração:** 99 minutos / **Estreia Mundial:** 1 de Setembro de 1946 no Festival de Locarno / **Inédito em Portugal**, primeira exibição na Cinemateca Portuguesa.

---

Em 1956, a propósito do 20º aniversário da Cinemateca Francesa, Henri Langlois escreveu o seguinte:

“Devemos a Käutner um milagre.

Do cinema alemão só restavam quilómetros de filmes tristes e feios que obstruíam os ecrãs da Europa ocupada. Não restava nada daquela vibração espiritual que tinha feito da Alemanha de Weimar a digna herdeira de Goethe e Haydn. Não restava nada mais do que um silêncio, cavado pelo silêncio, ainda mais profundo, dos campos de concentração.

Não restavam nada mais do que mortos, vítimas e ruínas (...). Não restava nada mais de que um plasma de moleza, tanto mais abjecto porque era consciente. Não restava nada mais do que autómatos de ferro e de fogo, nada mais do que um inferno sórdido de concessões e de baixezas.

Por que milagre, no meio desse esterco, floriu **Romanze in Moll** de Käutner, tão profundamente humano, tão inspirado? Por que milagre um Maupassant encontra finalmente um intérprete cinematográfico digno de si, naquela Alemanha a quem os seus mestres tinham exemplarmente lavado o cérebro?

Também isso não se procurou saber.

Dez anos passaram e Käutner permanece o único cineasta dessa Alemanha, cujo cinema ainda não conseguiu reencontrar o que perdeu em 1933”

Langlois fala de **Romanze in Moll** (1943), mas o que diz aplica-se igualmente a **Unter den Brücken**. O filme, também realizado durante a guerra, mas em condições

ainda mais adversas: a rodagem decorreu entre Maio e Outubro de 1944, quando a Alemanha era bombardeada quase diariamente.

Ao que se sabe, parece que a razão pela qual o filme – que ficou concluído no princípio de 1945 – não estreou, ter-se-á devido ao *timing* (com a derrocada eminente da Alemanha nazi o aparelho burocrático funcionava cada vez pior) e não a qualquer acto de censura. Seja como for o filme só teve a sua primeira exibição no ano seguinte, no Festival de Locarno e só estreou na Alemanha em 1950, passando quase despercebido.

O grande “milagre (para usar a expressão de Langlos) desta obra de Käutner (“A política, sob todas as suas formas com que me deparei, só me inspiraram sentimentos de enfado, irritação ou náusea”) é precisamente o modo como consegue elidir totalmente a guerra: não se vê um único uniforme, uma suástica que seja. Não transparece nenhum sinal do conflito, não há absolutamente nenhuma carga ideológica no filme.

O próprio Käutner valorizou muito esse aspecto. Afirmou numa entrevista que “**Unter den Brücken** é de facto o meu filme preferido. Quem o vir hoje não poderá compreender como, na altura, quando já não havia futuro e o colapso final da Alemanha era uma questão de dias, foi possível filmar uma história tão simples, quase idílica... Quando penso nisso, o que nós fizemos resultou da teimosia dos cineastas para impedir que nenhum do horror que nos rodeava transparecesse no trabalho (...) Muitas vezes tínhamos de procurar um novo décor porque o que havíamos escolhido tinha sido bombardeado”.

O resultado é um filme em que, para citar o crítico da Sight and Sound, Phili Kemp, “os ecos de **L’Atalante** de Jean Vigo abundam”. Uma barça, um rio, dois amigos que nela trabalham, uma mulher aparece, “caída” de uma ponte. A disputa leal entre os dois pelo amor dela. Tudo muito simples, profundamente humano e profundamente inspirado, como muito bem sintetizou Langlois.

A cena em que Hendrik explica a Anna os ruídos (a música) que ouvem à noite na barça, ou a cena em que não sopra na madeixa de cabelo que cai sobre a testa dela, são apenas dois exemplos de grandes momentos de cinema.

JOÃO PEDRO BÉNARD